

TV+

Aos 50 anos de carreira, Beth Goulart atravessa o passado, por meio do mergulho na alma de Clarice Lispector, e alcança o futuro, com narrativas de transformações do tempo expressas tanto em páginas de livros quanto em vídeos nas redes sociais

POR PATRICK SELVATTI

A atriz Beth Goulart está celebrando 50 anos de carreira com projetos que refletem sua paixão pela arte e pela vida. Após 10 anos de intervalo, ela resgatou, no Rio de Janeiro, o monólogo *Simplemente eu, Clarice Lispector*, peça que lhe rendeu o Prêmio Shell de Melhor Atriz e que ela estreou em Brasília, em 2009, ressaltando ser um lugar pelo qual a escritora homenageada tinha um carinho especial. “Ela escreveu vários textos sobre a cidade e dizia que quem a construiu tinha noção de eternidade. Clarice tinha a sensibilidade de perceber o avanço do tempo em Brasília. E, por isso, começar esse projeto na cidade é bacana. É como voltar ao berço de inspiração”, comentou, à época, em entrevista ao **Correio**.

Agora, 16 anos depois, Beth destaca, em conversa com a *Revista*, a sensação de reviver a personagem e o estado de espírito em que chega ao cinquentenário do seu casamento bem-sucedido com as artes, manifestado também na literatura — a artista de 64 anos completados em janeiro também lançou o segundo livro, chamado *O que transforma a gente? — Breves reflexões para mudanças profundas*. “O tempo traz uma compreensão que nos faz apreender a vida em outro lugar”, destacou a aquariana.

Atuante nas redes sociais, a filha do meio dos saudosos Nicette Bruno (1933-2020) e Paulo Goulart (1933-2014) comenta sobre a conexão direta que estabeleceu com o público durante a pandemia, quando perdeu a mãe, e reflete sobre as transformações vividas na teledramaturgia, que perdeu o interesse pelos artistas veteranos. “A nossa sociedade vai envelhecer, é um tema que deveria ser visto com mais carinho, e mais atenção”, desabafou a avó “babona” de Maria Luiza, 8 anos, herdeira de João Gabriel, o único filho da artista.

DE CORAÇÃO PARA CORAÇÃO

